

REPENSANDO A FONOAUDIOLOGIA...

*Suzana Magalhães Maia**

"Juro-lhes, senhores, que ter consciência de muitas coisas é uma enfermidade, uma verdadeira e autêntica enfermidade"

Fiodor Dostoiévsky

Resumo

Este artigo pretende discutir a trajetória seguida pela Fonoaudiologia desde o momento em que surgiram os primeiros cursos na década de 1960, através da captação do movimento que vai permeando os rumos desta área em busca da construção de uma identidade profissional e de seus fundamentos enquanto área de conhecimento.

Vive-se hoje, na Fonoaudiologia, um momento muito interessante e por isto mesmo, contraditório. A própria área, através do seu trabalho clínico e do que está sendo produzido em pesquisas, dissertações, teses, parece disposta a mergulhar em si mesma para entender suas origens, seus caminhos e des-caminhos, em um momento saudável na busca de sua identidade, rastreando sua história, identificando suas marcas. Este artigo tem a intenção de captar este movimento, através

da própria trajetória da Fonoaudiologia entendida como área de conhecimento e atuação.

Sistematizada academicamente na década de 1960, através dos cursos da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Fonoaudiologia procurou formar um profissional para atuar na detecção e terapia de indivíduos portadores de patologia da linguagem e da audição. Assim, foi lidando com o acervo de outras áreas do conhecimento, no sentido de buscar sub-

* Professora Titular do Departamento de Distúrbios da Comunicação da PUC-SP.

sídios para o estabelecimento dos parâmetros da normalidade do desenvolvimento humano, para que, aplicados às patologias da comunicação, funcionassem como explicação dos desvios constatados e justificadores das práticas diagnósticas e terapêuticas propostas.

Subjacente às concepções que levavam o fonoaudiólogo a conceber a patologia como seu objeto de estudo, estava a pressuposição básica do Positivismo: as leis que regulam o funcionamento da vida social, econômica, política são do mesmo tipo que as leis naturais, e, portanto, o que reina na sociedade é uma harmonia semelhante à da natureza, uma espécie de harmonia natural. A natureza parecia desenvolver-se segundo leis precisas no espaço e no tempo, de forma que ao descrever este desenvolvimento, o homem poderia ser abstraído.

Natural também o delineamento do perfil deste profissional de natureza clínica, o fonoaudiólogo, que concebia a doença e a saúde como contrários, que entendia a doença como um mal a ser extirpado. Mas que doença é esta? Esta doença, doença da linguagem antes disto era doença localizada na linguagem. O encontro com a linguagem doente jamais era uma descoberta, mas uma confirmação da presença dos desvios já conhecidos e a única alternativa presente era a de corrigi-los. A desordem encarada desta perspectiva, salientava a oposição normal/patológica e era impossível a admissão da doença como uma possibilidade da própria condição humana.

Definindo a atividade clínica como a natureza central de sua prática, o fonoaudió-

logo não refletia sobre o seu significado. Acirrando com os médicos, mas não com os preceitos da Medicina, uma briga estéril, que muitas vezes escondia uma luta pelo mercado de trabalho, não vislumbrava a natureza da atividade clínica. E o que seria isto?

"Desvendar o princípio e a causa de uma doença através da confusão e da obscuridade dos sintomas; conhecer sua natureza, suas formas, suas complicações; distinguir, no primeiro golpe de vista, todas as suas características e diferenças; separar por uma análise rápida e delicada, tudo o que é estranho, prever os acontecimentos vantajosos e nocivos que devem sobrevir durante o curso de sua duração; governar os momentos favoráveis que a natureza suscita para operar a solução; avaliar as forças da vida e a atividade dos órgãos; aumentar ou diminuir, de acordo com a necessidade, sua energia; determinar com precisão quando é preciso agir e quando convém esperar; decidir-se com segurança entre vários métodos de tratamento que oferecem vantagens e inconvenientes; escolher aquele cuja aplicação parece permitir mais rapidez, mais concordância, mais certeza no sucesso; aproveitar a experiência; perceber as ocasiões; combinar todas as possibilidades; cal-

cular todas as coisas; tornar-se senhor dos doentes e de suas afecções; aliviar suas penas; acalmar suas inquietudes; adivinhar suas necessidades; suportar seus caprichos atuar sobre seu caráter e dirigir sua vontade, não como um tirano cruel que reina sobre escravos, mas como pai terno que vela pelo destino de seus filhos."¹

Chocante em sua crueza, a extensão do domínio clínico, tal como exposto por Foucault, permeou historicamente o nascimento da clínica médica e assim definiu o olhar médico e invadiu também, muito tempo depois, a formação de outras profissionais, como a de fonoaudiólogo, que caracterizou sua prática profissional com o mesmo sentido. Se esta prática inicialmente se explicitou através de exercícios infidáveis para a correção dos desvios de linguagem quer eram constatados, mais tarde, de forma analítica, limitou-se a uma explicação exterior dos fenômenos observados, mas não a compreendê-los, chegar ao seu significado. A anamnese, a avaliação de linguagem e o planejamento terapêutico eram realizados de forma mecânica através da coleta de dados. Ora, os dados não estão dados, eles são colhidos e assim a trajetória da coleta já e a sua própria construção, já contém a interpretação, e esta perspectiva lentamente vai ganhando sentido dentro da Fonoaudiologia. Discutir a Fonoaudiologia

como prática social, a partir do posicionamento de um profissional que reflete para quem e para quem realiza o seu trabalho, afastando-se da dimensão reducionista do especialista em distúrbios da comunicação vislumbra-se como um caminho promissor. Pensando sobre o sentido da neutralidade técnica que imperou e ainda impera nas ações fonoaudiológicas, percebe-se que ela conduzia a um raciocínio que pressupunha a inexistência da relação entre a figura social de quem presta o serviço e a do paciente que o recebe. E mais ainda: longe de especificar a prática fonoaudiológica, esta apenas se adequava à estrutura já montada dos serviços de saúde, sobretudo os públicos, onde os técnicos e a população cumprem um papel determinado pela própria política social vigente.

Quando uma categoria profissional começa a indagar para que e para quem realiza o seu trabalho acaba por concluir que a finalidade de toda ação a ser feita é o homem inserido em uma sociedade que deveria se transformar para que as necessidades de todos pudessem ser atingidas. Percebe, também, que em cada ação técnica há uma consciência política e que mesmo quando se atenta ao fato que os serviços de saúde no Brasil, estruturaram-se nas doenças e não na saúde e no bem-estar da população, não pode contribuir com o seu trabalho para que a enfermidade continue sendo a norma, posto que a própria condição humana repousa entre a saúde e a doença.

(1) Foucault, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1980. p. 99.

Summary

The present article discusses the history of Speech-Language Pathology and audiology since the first undergraduate courses in the 1960s. The analysis is done capturing the trends that have been underlying the area in its search for the construction of a professional identity and its foundations as an area of knowledge.